

Introdução: a ressurreição do teísmo

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Este artigo é a introdução do doutor Craig ao volume 3 do periódico *Truth* sobre “novos argumentos para a existência de Deus”. Traça o ressurgimento em nossos dias da filosofia das religiões e interage brevemente com o pensamento de importantes filósofos teístas como Plantinga, Swinburne e Leslie.

Fonte: *Truth: A Journal of Modern Thought*, vols. 3 & 4 (1991): "New Arguments for the Existence of God"

Lá por meados da década de 1960, a revista *Time* apresentou sua matéria principal pela qual a capa daquela edição ficou totalmente preta, com exceção de três palavras estampadas no fundo escuro com letras vermelhas brilhantes: “DEUS ESTÁ MORTO?”. O artigo descrevia o movimento da “morte de Deus”, então corrente na teologia americana. Parafraseando Mark Twain, parecia que a notícia da morte de Deus tinha chegado prematura. Ao mesmo tempo que teólogos escreviam o obituário de Deus, filósofos descobriam Sua vitalidade. Poucos anos após a edição sobre a “morte de Deus”, *Time* trouxe uma história com capa semelhante de letras vermelhas sobre o fundo preto, mas desta vez com o título: “Deus estaria voltando à vida?”. De fato, foi assim que pareceu aos coveiros teológicos dos anos de 1960. Durante a década de 1970, interesse em filosofia da religião continuou a crescer. Já em 1980, *Time* se viu publicando reportagem extensa com o título: “A modernização do argumento em defesa de Deus”, que descrevia o movimento contemporâneo entre filósofos da religião no sentido de renovar os argumentos tradicionais para a existência de Deus. *Time* se mostrou maravilhada:

Numa revolução silenciosa no pensamento e argumento que dificilmente alguém poderia ter previsto apenas duas décadas atrás, Deus está voltando à cena. O mais intrigante é que isto ocorre não entre teólogos ou crentes comuns, mas nos resolutos círculos de filósofos acadêmicos, onde o consenso há muito banira o Todo-poderoso do debate construtivo. [1]

De acordo com o artigo, o destacado filósofo americano Roderick Chisholm crê que a razão por que o ateísmo era tão influente uma geração atrás se explica pelo fato dos filósofos mais brilhantes serem ateus; porém, diz ele, hoje em dia muitos dos filósofos mais brilhantes são teístas e lançam mão de intelectualismo robusto em defesa desse teísmo.

Este volume de *Truth* tenta trazer a seus leitores algumas dessas defesas do teísmo por parte de muitas das mentes mais brilhantes, bem como críticas por parte de alguns dos principais detratores do teísmo. Nesta Introdução, espero auxiliar o leitor, explicando parte do debate em que os outros artigos se contextualizam e propondo comentários pessoais sobre alguns desses artigos.

I.

Um dos avanços mais empolgantes no campo da epistemologia religiosa é a tendência, liderada por Alvin Plantinga, de defender a racionalidade da crença teísta não com base no argumento. De acordo com Plantinga, a crença de que Deus existe é o que ele chama de crença “apropriadamente básica”, isto é, ela não se baseia na inferência de outras crenças, mas é garantida racionalmente nas circunstâncias da

experiência imediata que o indivíduo tem de Deus. Pois bem, deve-se confessar que este ponto de vista não é completamente novo: como Roy Varghese observa em sua [entrevista com Plantinga](#) (ver [Sumário](#)), boa parte do mesmo tipo de epistemologia religiosa já há tempos é adotado por Hick, Mascall, dentre outros. Por que, então, Plantinga recebeu tanta atenção por suas realizações em epistemologia religiosa? A resposta, segundo penso, é dupla: (i) Plantinga, diferentemente de seus colegas epistemólogos, desenvolve seu argumento totalmente dentro do contexto e em diálogo embasado no que há de mais atual na filosofia analítica contemporânea. Assim, ele é muito feliz ao apresentar o que denomina de “objeção reformada à teologia natural” como crítica — por mais hesitante, implícita e incipiente que seja — da posição do fundacionalismo epistemológico. Com isso, Plantinga deságua na corrente principal do debate epistemológico contemporâneo. (ii) A posição de Plantinga como um dos principais filósofos dos Estados Unidos assegurou que qualquer via que ele explorasse na sequência de seu livro memorável *The Nature of Necessity* [A natureza da necessidade] fosse acompanhada com grande interesse. Tendo já feito importantes contribuições à filosofia da religião no que diz respeito ao argumento ontológico e ao problema do mal, era de se esperar que o tratamento de Plantinga de questões de epistemologia religiosa fosse intrigante e frutífero.

Em *God and Other Minds* [Deus e outras mentes], Plantinga já fizera uma primeira incursão na direção da racionalidade do teísmo não baseada no argumento, sustentando que, s